



TOCHA



Órgão Oficial de Informações do Sindipetro São José dos Campos - 02/03/2012 Nº 4 de 2012

Número mínimo na área de produção e de apoio reduz segurança, aumentando acidentes

A empresa aumenta seu parque industrial e não aumenta o efetivo o suficiente para operar com segurança. O Sindipetro-SJC e a FNP (Federação Nacional dos Petroleiros) cobram a multinacional Petrobras também sobre o baixo efetivo. Trabalhos que necessitam de acompanhamento constante são realizados por operadores sobrecarregados. A situação na Revap piorou ainda mais com as partidas das novas unidades. Os grupos estão desfalcados para suprir a necessidade de colocar as novas unidades em funcionamento. A quantidade de horas extras e as horas que ficam para compensar aumentaram muito. Só que não dá para ficar assim.

A Petrobras está impondo uma precarização do trabalho “nunca antes vista na história da empresa”. A nova presidente da companhia, Graça Fortes, chegou sob o anúncio de que a empresa vai aumentar a sua competitividade e produtividade. Mas a que custo? Quantas mortes mais precisam ocorrer?

A gerência da empresa só sabe olhar para os números financeiros. Estão todos cegos pelo lucro. Quantas tragédias mais querem que ocorra para eles se darem conta ou simplesmente admitirem que a política de segurança na empresa naufragou com a P36, ou até mesmo antes. A parte operacional da empresa não pode ficar submetida aos interesses financeiros. Queremos voltar vivos para nossas casas.

A direção da empresa tem uma grande responsabilidade nas mãos, já que sabe o barril de pólvoras que é a natureza do trabalho no sistema Petrobras. Qualquer mínimo acidente pode acarretar em uma tragédia com perdas de vidas e prejuízos ambientais.

Esse baixo efetivo nas áreas de produção tem mostrado a cara por meio de acidentes. Só vazamentos, já foram três só este ano no sistema Petrobras. O tráfego aéreo no Norte Fluminense é um risco constante. Já quase ocorreu um acidente no pouso de um helicóptero em um navio, em janeiro. Lá, além do baixo efetivo, ainda há o

excesso de vôos. E em todo o sistema Petrobras vem ocorrendo muitas mortes nos últimos anos.

Isso sem contar dezenas de incidentes que foram maquiados pelas gerências do sistema Petrobras. Nós sabemos como funciona o dia a dia das unidades da empresa e sabemos bem como a gerência impõe a subnotificação de acidentes do trabalho, esconde a extensão dos acidentes, vazamentos e por aí vai.

Enquanto não houver uma política séria de efetivo e número mínimo para operar com segurança na multinacional, petroleiros e as comunidades vizinhas às unidades da Petrobras continuarão correndo risco de acidentes. E cada acidente tem uma dimensão incalculável por causa da natureza de alto risco da indústria do petróleo.

É isso o que queremos deixar claro para a gerência da empresa: toda e qualquer responsabilidade advinda de incidentes e acidentes ocorridos em função do baixo efetivo é da alçada da gerência nacional, que terá que responder!

O SINDIPETRO/SJC ESTÁ DE PORTAS ABERTAS. ASSOCIE-SE!

Petrobras é condenada por calotes de contratada

A Petrobras acaba de perder mais uma batalha na farrá das terceirizações. A justiça reconheceu que a multinacional é responsável pelos danos trabalhistas causados pela terceirizada Mont Sul Montagens e Instalações Industriais a um de seus empregados.

Os processos demoram, os empregados contratados sofrem, a justiça tarda, mas finalmente enxerga a patifaria da terceirização que corre solta dentro de empresas como a Petrobras e outras. Até empresas inidôneas são contratadas para realizar todo o tipo de tarefas dentro

do sistema Petrobras. Resultado: precarização do trabalho e calotes trabalhistas.

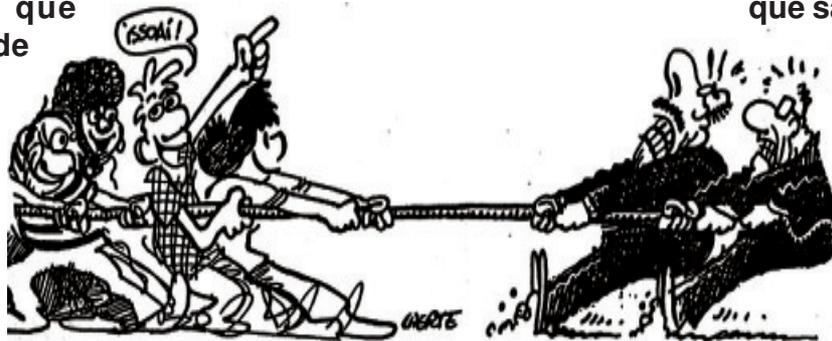
A Petrobras é co-responsável pelos danos e a única responsável por não haver fiscalização do cumprimento dos contratos das terceiras com seus empregados. É como se essas "gatas" ganhassem o serviço de porteira fechada.

A Petrobras é a culpada por esse tipo de situação.

Todos esses calotes trabalhistas acabam indo parar no passivo da Petrobras e usados como desculpa para justificar ataques aos direitos dos petroleiros.

É difícil encontrar na Petrobras um empregado terceirizado que não levou prejuízo em suas verbas trabalhistas. Os terceirizados merecem e exigem respeito. Nós também. A empresa tem que fiscalizar a terceirização, que saiu do controle dentro

da Petrobras, e fiscalizar todos os contratos. Isso é o mínimo que se espera dos governistas no comando da estatal.



Punição por Priorizar Segurança

Mais um operador da Revap foi punido verbalmente e ameaçado de mudança de regime de trabalho por gerente, em conluio com o Coordenador Técnico.

Os questionamentos do operador ocorreram pela avaliação do check list de PT e PTT. Como desculpa, alegaram que o operador não devolveu o rádio, já que considerava o instrumento um item de segurança.

O check list preenchido errado faz com que o responsável pela liberação responda por dano - se ocorrer - e coloca em risco a vida dos trabalhadores e a continuidade operacional.

Quando um dos pontos da PT ou PTT resultam resposta sim, isso remete a análise de risco (AR) nível 02 exige RAS. Como exemplo, temos: há risco de vazamento de gás e líquidos inflamáveis no local de trabalho e no em torno. Se a resposta for positiva, é preciso de Recomendação Adicional de Segurança (RAS).

Como quase todo o serviço na indústria de petróleo se encontra nestas condições e visando a segurança, o trabalhador tem que exigir o referido procedimento. Diante dessas exigências, o trabalhador está sendo perseguido.

O cumprimento do procedimento visa zelar

apenas pela segurança e a vida.

Os acidentes da Revap têm aumentado e sabemos que da forma como gerentes pressionam e perseguem só pode dar nisso mesmo. Trabalhar com segurança aumenta o tempo de execução dos serviços. Com isso, afeta o GD dos Gerentes.

Com sua omissão, pressionam os trabalhadores a queimar etapas, não dando importância aos procedimentos. Logo, a produção e o GD dos gerentes esta acima da segurança, contrariando o primeiro princípio da gestão sem lacuna: "a vida em primeiro lugar".

PLR 2011 e AMS: nós queremos melhorias!

A FNP tem cobrado a Petrobras por reuniões para discutir a PLR 2011 antes de discutir a PLR futura e também melhorias na AMS. Nós queremos discutir o montante da PLR 2011 antes da Assembleia Geral dos Acionistas (AGA). Vale ressaltar que a PLR futura só valerá para a participação dos lucros de 2012, que será paga em 2013. Não temos acordo com a proposta encaminhada pela empresa, que limita a quantia em no máximo 4,5% do lucro líquido. Aplicando redutores, pode-se ter zero de participação. Nós queremos e exigimos 25% dos dividendos dos acionistas.

Com relação à AMS, nós temos cobrado a inclusão de vários medicamentos na Assistência Médica Suplementar. Em reunião no começo de fevereiro, nós cobramos o gerente de AMS sobre o atendimento precário em algumas regiões, principalmente no norte e nordeste, e cobramos pessoal próprio e qualificado para o HOME-CARE e o PAD.

Nós também apontamos que não é possível a recusa de tratamento cirúrgico, para doenças cardíacas, além de outros tratamentos, como: fisioterapia, biopsia estereotáxica de mama e esclerose múltipla, para as

quais ainda existem poucas clínicas credenciadas.

A nossa pauta para as discussões de AMS incluem ainda a cobertura de 100% dos tratamentos de aposentados e dependentes da Transpetro, cobertura integral do PASA, aumento da validade das receitas (que hoje é de 120 dias), custeio da vacina contra gripe, reabertura do convênio Prisma/Petrobras/INSS para o ingresso de todos os aposentados e pensionistas do sistema Petrobras, o custeio de medicamentos de uso contínuo etc. Devido às demandas, a nossa intenção é que as reuniões de AMS com a Petrobras sejam mensais.

Uma peneira chamada Petrobras

A multinacional Petrobras confirmou na semana passada o terceiro vazamento de óleo em menos de um mês. Desta vez, cerca de 70 litros de água oleosa vazaram da plataforma Cidade de Santos, no campo de Uruguá, na Bacia de Santos, no último dia 18. No fim de janeiro, 160 barris de

petróleo vazaram de uma tubulação, durante o teste de longa duração na área de Carioca Nordeste, também na Bacia de Santos. Cerca de duas semanas depois, um novo vazamento foi registrado, desta vez na plataforma P-43, na Bacia de Campos.

Com o aumento do número de operações no pré-

sal, cresce também os riscos de acidentes. A Petrobras tem que buscar excelência na segurança dos trabalhadores e na proteção ambiental. Chega de excelência só na hora de mandar os dividendos para os acionistas! E esses vazamentos podem zerar a nossa PLR. Isto está na proposta da empresa.

Coque sem limites

Dias atrás, a unidade de Coque passou por mais um inusitado momento com riscos de novo acidente. Isso ocorreu com o transbordamento da caixa de descarte do produto, vindo a atingir, na forma de soterramento, a altura média de um painel de instrumentos

energizado existente nas proximidades da tal caixa por causa de problemas com a pá de movimentação desse produto. O painel veio a ser soterrado pela metade por não preverem as possibilidades de defeitos no sistema.

Temos a certeza que por mais uma vez em nome da

produção não se observaram as questões de segurança na refinaria que poderiam muito bem evitar esse risco, reduzindo a produção e se observando o tempo de retorno da referida pá carregadeira. Prestem mais atenção! Novamente ensinando quem já deveria estar sabendo.

Gerência de dois pesos e duas medidas

O excesso de trabalho, o acúmulo de tarefas fez com que um operador da HRC que operava o painel tivesse a infelicidade de digitar valores que viria a parar a unidade UGH. Sobrecarregado pelas tarefas diárias, as péssimas condições de trabalho e os riscos iminentes de acidentes, os trabalhadores e o Sindipetro-SJC denunciam há muito tempo que a Revap relega a segurança do empregado e das atividades operacionais em função da pressão em produzir cada vez mais e mais rápido. O baixo efetivo e os treinamentos precários são a causa dessa insegurança operacional.

O operador avisou logo ao supervisor o ocorrido e que também já sabia desde o início do turno as dificuldades pela qual passava o sistema. Mais uma vez se confirma o que o SINDICATO tem alertado e postulado em reuniões com a empresa e na mídia em geral. Não temos dúvidas que coisas ruins ainda podem estar por vir com essa forma de trabalho.

Esse número reduzido, essa pressão feita sobre os trabalhadores é uma irresponsabilidade da gerência. O gerente da HRC, quanto às atitudes que deveria ter enquanto gerente, está sem norte, pois atua como o poderoso CHEFÃO diante dos fatos!

Em primeiro momento, ignora as explicações do operador do painel sobre as dificuldades que teria com as determinações, visto que os detalhes operacionais existentes,

combinado com as orientações, resultaria em erros.

A orientação que se cogita ter ocorrida quanto à intervenção diferenciada para operar alguns circuitos não foi formalizada através da I.O. (I N S T R U Ç Ã O OPERACIONAL), que é o canal oficial da empresa para tais decisões se tornarem ordem de forma oficial, o que levaria a orientação a todos e de forma única.

Isso dificultou em muito a ação, tendo em vista o que tem ocorrido nesse setor, que nem sempre se escreve o que se fala e nem sempre vale o que se fala, uma vez dado os resultados.

Sem qualquer discernimento, aplicou-se punição ao operador. Para complicar mais, o supervisor deliberadamente mandou esse companheiro para a área de forma mais uma vez punitiva. Esse companheiro tem quase 30 anos de empresa, profundos conhecimentos operacionais de colaboração à empresa está às vésperas de sua aposentadoria, mas mesmo assim não teve o merecido respeito.

Não bastando a sacanagem com o trabalhador, o poderoso CHEFÃO ainda tentou cooptar o operador num combinado de que a punição não seria divulgada nem por ele e nem pelo supervisor, como se estivessem lhe premiando.

Fala sério, sr. poderoso!, Se você não sabe, vai aprendendo: isso é assédio moral!

Pergunta: Qual a razão desse tratamento? O operador teria reclamado de algo? Como deve estar a auto-estima desse companheiro para continuar a operar esse sistema, que sabemos o quão é complexo? O poderoso CHEFÃO tem ideia o que é o psicológico de um trabalhador? Ele sabe mesmo o que se passa no setor em que é o gerente? O poderoso CHEFÃO sabe o que é de fato uma equipe de trabalho e como deve tratá-la?

Acima um peso e uma medida, abaixo outro peso e outra medida

Durante o retorno em operação da unidade U-222, o poderoso CHEFÃO, diante de alguns dos seus pupilos, presenciou um TRIPAR de um compressor, o que pôs todo o serviço realizado até então a perder.

À ocasião, ele simplesmente tomou a atitude de quem nada viu e ouviu, mesmo sendo questionado pelo operador de painel quanto ao que havia ocorrido no campo.

Qual deveria ser a punição para o poderoso CHEFÃO? Não bastassem estas falhas, temos informes de que os novos operadores que não estão treinados e ainda estão fazendo os alinhamentos das unidades já vão ser obrigados a assumir áreas!

Cuidado com os riscos, os acidentes. Estamos de olho! Cuidado com a dona Justa.